



Fundador do BE recordou que foi em 1962 que ocorreu a grande explosão contra a opressão

Geração de 60 não soube impedir

esvaziamento das conquistas da Revolução

...
“As gerações saídas das lutas

estudantis dos anos 60, início dos anos 70, ganharam quando contribuíram para preparar e fazer a Revolução de 74/75 e, com ela, a democracia política e social. Mas também perderam”, afirmou ontem o historiador Fernando Rosas. “Perderam, na minha opinião, quando não conseguiram impedir que a canonização da democracia se transformasse em sinónimo de esvaziamento de conquistas fundamentais da revolução. E com isso sofreriam um revés maior:

o de perder a hegemonia a favor da ideologia da política e da economia neoliberal e do seu projeto regressivo de nova opacidade e desigualdade”, defendeu.

Para o historiador, “a questão que hoje se pode colocar face a esse passado é, precisamente, a de saber recriar e potenciar o papel subversivo e criador dessa memória e dessa experiência para os desafios e trabalhos do presente e do futuro”.

Fernando Rosas participou no primeiro dos colóquios organizados no âmbito do “Abril é Agora” para pensar o passado, presente e futuro de 60 anos de lutas estudantis, que decorreu na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC).

O fundador do Bloco de Esquerda recordou ainda que foi em 1962 que ocorreu a grande explosão contra a opressão, contra a repressão política, contra o “caráter arcaico” da

universidade. Seguiram-se lutas de 1965 e as de 1969 e, a partir daí, a universidade ficou “praticamente ingovernável.”

“A luta estudantil contra a ditadura, e depois contra a guerra colonial, contribuiu para forjar uma corrente geracional multifacetada e plural do ponto de vista político e ideológico, mas que teve uma importância decisiva na alteração das relações de hegemonia na resistência ao regime e na preparação do ambiente que viria a preparar a sua queda e a transformação do golpe militar na revolução de 1974”, notou.

Miguel Cardina, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES), lembrou que a crise de 62 foi o pretexto para o início das comemorações oficiais dos 50 anos do 25 de Abril, com um colóquio e uma exposição patente no Museu Nacional da História Natural e da Ciência, comissariada por Álvaro

Garrido, diretor da FEUC.

Mas o colóquio não serviu apenas para falar da crise de 62.

“A crise de 62 é um momento de uma dinâmica muito mais vasta de politização do movimento estudantil, que tem antecedentes e que se prolonga depois até ao fim da ditadura e depois, reconfigurada, vai surgir já em circunstâncias muito distintas pós 25 de Abril”, afirmou Miguel Cardina.

Ontem, foram também lembradas as lutas durante o período democrático a apontados caminhos e possibilidades do movimento estudantil dos nossos dias.

O colóquio, que se insere na programação “Abril é Agora”, foi organizado pela cooperativa CULTURA, do CES/UC, do Centro de Documentação 25 de Abril da UC e do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

| Patrícia Cruz Almeida

Fernando Rosas participou ontem, na Faculdade de Economia, no colóquio “60 anos de lutas estudantis: do passado ao futuro”, inserido na programação “Abril é Agora”